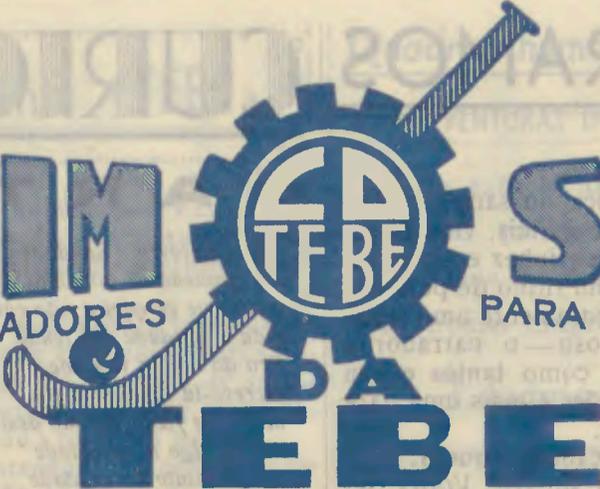


C. M. B.  
BIBLIOTECA

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



Director honorário:

M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

O dia 10 de Junho, dia da raça, ergue do olvido e da tumba a figura gigante do grande, imortal, glorioso e infeliz Luís de Camões. A sua obra e a sua vida, escritas e traduzidas, gravadas nos filmes e espalhadas pelo mundo, constituem prova irrefutável de quanto é querida, compreendida e estimada toda uma epopeia que nasceu do génio para se consubstanciar na história — OS LUSÍADAS.

Luís Vaz de Camões, descendente duma família galiciana, nascido em Lisboa, provavelmente em 1524, é bem a imagem do génio e da desgraça. O seu talento, por vezes incompreendido e fustigado, só pode e deve ser discutido à luz clara da sua obra e da sua vida.

A Pátria considera o dia 10 de Junho o dia da raça e, de facto, este dia representa, nos destinos da GREI, a homenagem ao português, ao soldado e ao Poeta...

Ele, Luís Vaz, escolar de Coimbra, palaciano da corte de D. João III, apaixonado e justo, turbulento e folgazão, leal e generoso, teve, como infelizmente não podia deixar de ser, um mundo hostil de incompreensão e maldade. E assim, a maldade aumentava e germinava, detrás dos reposteiros da intriga, onde seus inimigos argamassavam ciladas e traições empurrando-o para o negro das sombras onde o precipício se

## Um Soneto de Camões

Erros meus, má fortuna, amor ardente  
Em minha perdição se conjuraram;  
Os erros e a fortuna sobejaram,  
Que para mim bastava amor sòmente.

Tudo passei; mas tenho tão presente  
A grande dor das cousas que passaram,  
Que já as frequências suas me ensinaram  
A desejos deixar de ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;  
Dei causa a que a Fortuna castigasse  
As minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.  
Oh! quem tanto pudesse que fartasse  
Este meu duro Génio de vinganças!

# Camões

## Figura inconfundível da Raça

encontrava... Camões, por culpa do seu temperamento generoso e leal sofreu as ciladas e traições mais desoladoras.

Luís Vaz sofreu, chorou e só assim, envolto do sofrimento e da incompreensão, ergueu da alma e da inteligência toda uma epopeia de séculos.

«Os Lusíadas» encarnam bem a história lusa porque eles são a voz do «peito ilustre lusitano».

A descoberta do caminho marítimo para a Índia deu-lhe inspiração para cantar, em versos sublimes e inconfundíveis, a história dum Portugal gigante.

Luís de Camões transmite a Vasco da Gama toda a alma dum povo (o nosso povo), toda a bravura dos nossos heróis, toda a justiça da nossa gente, toda a generosidade da fidalguia, numa palavra... toda a grandeza da PÁTRIA.

O poema, composto no rigor castiço duma época, foi gizado em 10 cantos e cada canto foi dividido em estâncias de 8 versos. O poema representa em números a grandeza de 1.102 oitavas, ou sejam 8.816 endecassílabos.

Ao fazer a narração, Camões, atinge uma plenitude assombrosa quando nos desenha, a pinceladas fortes, o episódio extraordinário do ADAMASTOR.

Também os episódios de D. Inês de Castro, o aparecimento da Indo e do Ganges a D. Manuel, mostram bem de quanto é capaz a imaginação e o poder descritivo dum dos maiores poetas de todas as gerações.

Quem como Luís Vaz conseguiu pintar os costumes, o mar, a flora e a fauna através dum cenário intensíssimo que se iniciou em Portugal e se confinou na Índia?

Quem como Luís de Camões conseguiu mostrar-nos, cheio de bravura e de beleza, a batalha de Aljubarrota?

Os costumes da Índia perduram, ficam nos olhos e na alma cheios de encanto e de beleza numa auréola de coloridos dolentes e nostálgicos.

Há quem considere defeito à mistura do maravilhoso pagão com o do cristianismo, porém, nós, não concordamos. Se defeito se pode considerar é preciso também que nos transportemos à época em que o poema foi escrito.

Também Milton procedeu de igual modo.

Contudo, no nosso modesto dizer, parece-nos que essa mistura antes de diminuir o poema o torna talvez mais belo ainda, porque a religião cristã

permanece, no poema, pura e grandiosa na incrustação bizarra e fantasista dum paganismo lendário.

Mas se Luís Vaz foi grande no género épico, não o foi menos no género lírico, legando-nos sonetos, elegias, canções, odes, etc., aureolados de paixão, de desespero, de vida, de ternura e de fé.

No teatro, Camões, escreveu os três autos — *Anfitriões*, quando escolar; *Filodemo*, quando palaciano e *El-Rei Seleuco*.

Mas se Camões foi grande na glória não o foi menos na desgraça.

Portanto, ao ser evocado o dia 10 de Junho, como o dia da Raça, Portugal pagou assim uma dívida ao maior épico Português de toda a nossa história.

Nós, longe de focarmos a vida e a obra do autor, apenas quisemos recordar, em traços simples, o Poeta que, embora mal compreendido por uns, fustigado por outros e desdenhado por muitos, viveu e vive na transcendência perene do «engenho e da arte». — A. B.

## Outro Soneto de Camões

Esforço grande, igual ao pensamento;  
Pensamentos em obras divulgados,  
E não em peito tímido encerrados  
E desfeitos depois em chuva e vento;

Ânimo da cobiça baixa isento,  
Digno por isto só de altos estados,  
Fero açoute dos nunca bem domados  
Povos do Malabar sanguinolento;

Gentileza de membros corporais  
Ornados de pudica continência,  
Obra por certo da celeste altura:

Estas virtudes raras e outras mais,  
Dignas todas da Homérica eloquência,  
Jazem debaixo desta sepultura.

## GRACILIANO RAMOS

## CURIOSIDADES

(Continuação da página 8)

Servindo-se dum processo de dar o entrecio que tornava particularmente difícil e levá-lo àque-la profundeza, Graciliano Ramos conseguiu erguer num curto romance o panorama da vida agrária numa região do nordeste brasileiro, com as convulsões políticas do tempo e o drama de duas ou três vidas chocando-se na fazenda de S. Bernardo.

Disse que não era fácil o processo que escolheu e direi porquê: supõe-se que o livro é escrito por um fazendeiro boçal e de letras grossas da primeira à última página.

Ora é evidente que o problema de dar vastidão ao romance se resumia essencialmente a este: Graciliano Ramos devia escrever o que necessitava de tal maneira que parecessem possíveis tais coisas na pena do seu personagem-narrador. E conseguiu-o plenamente. *S. Bernardo* é o romance em que os personagens e as acções estão mais exactamente determinados da moderna literatura brasileira.

Mas a sua maior qualidade, no aspecto puramente literário, talvez seja o equilíbrio conseguido entre o subjectivo e o objectivo como meios de expressão romanesca. E isto, em certa medida, abriu dois caminhos a Graciliano Ramos.

Por outro lado a exploração da profundidade e da diferenciação psicológica — e isto deu *Angústia* — por outro lado a secura, o objectivismo, o estudo da instabilidade dos camponeses pobres, as condições sociais brasileiras — e daí saiu *Vidas Sêcas*.

*Angústia* é o seu romance de maior volume, um monólogo interior em que, gradualmente, o narrador mergulha na loucura. Neste livro obcecante que levou não sei já quem a afirmar que o deixara na página trinta com receio de enlouquecer, um pouco entediado, estão no entanto perfeitamente postos todos os requisitos necessários literariamente para aceitar a loucura do narrador.

Má herança no sangue, triste infância, inteligência, vida esmagada na mesquinhez e na injustiça. Tem um ritmo de pesadelo mas não é puramente um estudo do monstruoso — o narrador é um homem como tantos e tem todas as razões e mais uma para enlouquecer.

No outro caminho que *S. Bernardo* abriu situa-se *Vidas Sêcas*. Poucos títulos conheço tão adequados como este: são realmente sêcas as vidas de famílias de retirantes que as cheias de uma e a seca de outra vão empurrando da terra onde nasceram, com as suas pequenas riquezas (a carabina, a cachorra Baleia, pequenas e tristes coisas) para a cidade que irá imprimir feições inteiramente novas aos meninos, os únicos que se podem adaptar ainda.

Abel Salazar (na revista luso-brasileira *Esfera*) comparou esta obra de Graciliano Ramos a alguns quadros de Millet — aqueles como *L'homme à la lune*, em que o homem é posto em toda a secura da sua rudeza primitiva.

Aproximação justíssima. *Vidas Sêcas* é, na realidade, a tragédia das necessidades primitivas no quadro dos grandes cataclismos que assolam os países primitivos ainda débeis para lhes debelar os efeitos.

Graciliano Ramos prepara outro romance, a vida amargurada e cheia de dificuldade deste escritor já maduro, a sua dignidade e compreensão dos homens, as suas notáveis qualidades literárias dão-nos direito a esperar mais uma das obras que ficarão entre as primeiras que este período da literatura brasileira legará.

Se *Angústia* é um exagero do subjectivo, se *Vidas Sêcas* é um máximo descarnamento do objectivo *S. Bernardo* é o livro mais equilibrado que a literatura brasileira nos deu.

Ao lado de *Terras do Sem Fim*, de *Pedra Bonita* — obras que desde já são uma garantia da plenitude duma literatura.

## CARTA

## Dois pensamentos

## sobre a mentira:

A mentira é filha primogénita do ócio. Quem está ocioso não tem mais que fazer que por-se a imaginar: da ociosidade nasce a imaginação, da imaginação a suspeita, e da suspeita a mentira.

P.º A. Vieira

O homem honesto mente duas vezes por dia; o homem do mundo cem vezes. Nunca se pôde saber quantas vezes, por dia, mente uma mundana.

Taine

## Portugal e o resto do mundo vistos de relance

a) «A Taça das Nações 1955» foi conquistada pela selecção nacional que, aureolada de uma fé inquebrantável, mais uma vez honrou as cores da nossa bandeira.

Neste rápido apontamento queremos felicitar, mui particularmente o internacional António Figueiredo que, como representante nortenho, bem merece o nosso sincero abraço. A todos os outros enviamos as nossas mais efusivas saudações.

b) A guerra na Formosa é uma espécie de guerra podre, pois cria nos espíritos uma ideia semelhante à fomentada por Hitler quando do sonho (irrealizado) da invasão da Inglaterra.

c) Em Londres houve greve nos jornais.

d) Em «Las Vegas» realizou-se mais uma explosão atómica, desta vez destinada a avaliar a resistência do vário material... Infelizmente para nós se os grandes do mundo se põem a brincar às bombas... Intimamente creio que nunca mais se empregarão bombas atómicas, pois o seu uso poderia levar a humanidade ao suicídio colectivo...

e) Um milhão de metros cúbicos é o aumento anual do consumo de água de Lisboa.

f) A Câmara dos Comuns, em Inglaterra, aclamou Anthony Eden enquanto o chefe da opposição faz caloroso elogio de Churchill. Churchill diz que já não se sente com forças para aguentar com a responsabilidade das próximas eleições gerais.

g) Os técnicos estudam a construção do automóvel atómico.

Nesta palavra «Saudade»,  
tão pequena de tamanho,  
antes que eu queira não cabe  
toda a saudade que tenho.  
Era da minha vontade  
escrevê-la vezes sem fim,  
mas se o fizer, mesmo assim,  
não te digo nem metade  
do que sinto de saudade  
quando estás longe de mim.  
As cartas que eu comecei!  
Não sei escrever-te, não sei...

É «Amor»? Esta nem me atrevo  
embora ficasse bem.

É linda mas não a escrevo  
p'ra que não escrevas também  
com quatro letras apenas  
nas cartas que tu mandes  
Vê tu que simplicidade:  
Só «Amor» e só «Saudade»!  
Que palavras tão pequenas  
pr'a dizer coisas tão grandes,  
tão grandes como as sonhei!  
Não sei escrever-te, não sei...

Também quis mandar-te um beijo,  
— Cinco letras, coisa pouca. —

Não cabia o meu desejo,  
não chegava à tua boca!  
Um só beijo, para ti,  
leva tanto, tanto afecto  
que o não posso pôr aqui,  
pois não chega o alfabeto  
nem que fosse de A a Z,  
quanto mais do B a O!  
Mandar-te beijos p'ra que  
se não dava nem um só?  
Fiz um rascunho e rasguei.  
Não sei escrever-te, não sei...

Mas se não bastam palavras,  
se julgas que fui mesquinho,  
cartas minhas não as abras;  
não abras que o meu anseio  
é mandar-te p'lo correio  
o coração inteirinho.  
E não fiques em cuidado  
que se perca um coração  
que ganhou em se perder;  
tem o teu nome gravado,  
leva a tua direcção,  
por força que vai lá ter.  
E sabes porque o mandei?  
Não sei escrever-te, não sei...

Vasco de Matos Sequeira  
(João de Longe)

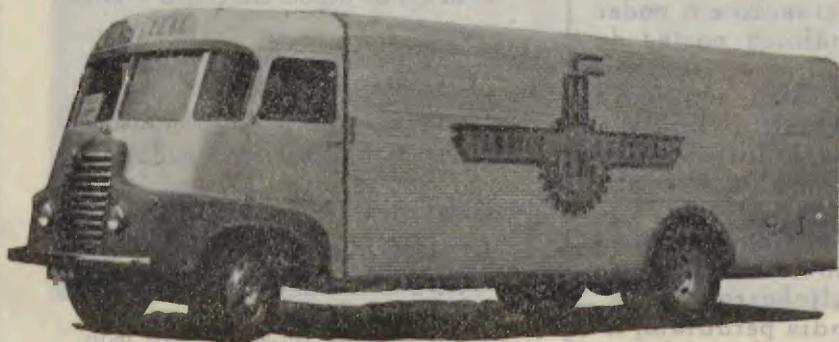
## Talvez não saiba que:

Francisco Schubert (1797-1828) escreveu os LIEDERS; que Chopin escreveu as Mazurcas; que o Homem, esse desconhecido foi escrito pelo Dr. Alexis Carrel.

## ANIVERSÁRIOS

Por absoluta falta de espaço e de tempo não nos foi possível inserir neste número os aniversários e outro original, do que pedimos desculpa aos nossos leitores e colaboradores.

A fábrica de malhas TEBE adquiriu mais esta gigantesca unidade motorizada que, pela beleza das linhas, pela grandeza do volume, muito tem sido admirada.



Assim, com mais esta esplêndida caminheta os produtos TEBE chegam devidamente bem acondicionados aos mercados abastecidos.

## Concurso do Melhor Conto «TEBE»

A digníssima Gerência da fábrica de malhas TEBE, no desejo de intensificar a cultura no seio da sua massa trabalhadora, criou o interessantíssimo concurso do melhor conto «TEBE».

Porém, como o prazo da entrega dos originais terminasse no passado dia 30 de Abril, resolveu, por especial deferência, dar mais sessenta dias a partir de 30 de Maio a fim de satisfazer alguns concorrentes que não puderam entregar os originais dactilografados (como se determinou) naquele prazo.

Portanto, os **CONTOS** podem ser entregues na redacção do «Boletim Social da TEBE» até ao dia 30 de Julho do ano corrente, aguardando, cada autor, a publicação do seu original, por ordem da entrega.

### A Camisola de Riscas

Não muito longe de Barcelos, aí a uns cinco quilómetros em linha recta, há uma freguesia de nome São Bento da Várzea que valha a verdade, não é das mais abastadas do Concelho.

Nos dias primaveris de Março e escaldantes de Julho em que, com grandiosas romarias se comemora o dia do Milagroso São Bento, lá vai estrada fora gente de todos os lados, ora cantarolando, ora rezando, implorar do santo o remédio para os seus males ou dos seus.

Vestidas com seus trajes regionais, algumas graciosas moçoilas olhavam nos campos fronteiriços à estrada, o gado que sôfregamente manjava a erva amarelecida pelo tempo.

Junto à berma da estrada e num terreno a que o povo lhe chama *maninho*, um gaiato dos seus dez anos, faces bolachudas, olhos azulados, calções e blusa esfarrapados pelas diabruras de garoto, servia de guarda a uma meia dúzia de cabras que aí pastavam.

No seu olhar reflectia-se um não sei quê, que Carlitos — tal era o seu nome — certamente explicaria à Mãe — à Tia Rosa do Outeiro —, quando à noite estivessem a comer aquela grande malga de caldo com muita boroa, como é uso nas aldeias.

De facto Carlitos, preocupado, admirado e não convencido de tudo que vira passar, recolhe o seu rebanho e vai sentar-se junto à lareira para comer, onde estava já a irmãsita Joana e a Mãe Tia Rosa.

Mas... a comida não era tratada como nos outros dias e a Tia Rosa, fitando-o naquele aspecto tristonho, pergunta-lhe:

— Tu não comes!?!... Estás doente!?!...

E Carlitos parece não ouvir.

Não ouves, — continua a Mãe — que *diacho* é que *l'apoquent*?

Carlitos desatando a chorar diz:

— Mãe! É que vi passar muita gente cá pra festa e, Mãe, muitos iam tão bem vestidos, até os rapazinhos como eu que levavam umas camisolas de risquinhas...

— Ah! Mãe que lindas!!!

— Sim filho, — frisou a Mãe — são camisolas da Tebe lá de *diante da Vila* — o povo aldeão não costuma chamar cidade —.

— Não eram como a minha — continuou Carlitos — cheia de *remendos* que levo ao domingo à missa e à doutrina pró pé do *Snr. Abade*.

— Está bem, filho — disse a mãe — muitos desses rapazes trabalham na fábrica e ganham muito dinheiro e nós somos pobres, mas quando fores grande terás roupa melhor.

Carlitos compreendeu então porque sendo pobre, não tinha a camisola de risquinhas da TEBE.

Nunca no seu pensamento se apagou a ideia de, depois de fazer exame, ir para a TEBE.

Quando no caminho da Escola, Carlitos perguntava aos companheiros:

— Ó Pedro, quando fizeres exame para que vais depois?

— Ah! Eu queria ser professor para depois bater nos outros rapazes como o Senhor professor nos faz a nós, mas o mais certo é ir olhar o gado e puxar à sogá.

— Ah! Era bom — disse o Manuel — mas certamente não irás.

— Eu — replicou o Carlitos — queria ir para a fábrica da Vila onde fazem lá roupa para depois deixar de olhar as cabras de minha mãe.

— Até eu queria — disse o João — mas concerteza não iremos.

Carlitos, aspecto aborrecido não responde e lá entra com os colegas na aula onde o Professor os esperava.

Para ele tudo era uma imaginação... contudo, estudava e estava atento.

Vieram os exames e tendo ficado bem, o nosso herói pulava de contente de poder ver realizar-se o sonho que sempre o inquietava: Ser empregado na TEBE.

— Agora — dizia ele à mãe depois do exame — quero deixar de olhar as cabras teimosas, e deixar ainda os calções e blusa esfarrapados e quero ir para a fábrica TEBE que Vossemecê disse e que faz as camisolas lindas. Já fiz exame e posso ir.

— Ah!... Já me lembro desde

## Quadros humorísticos

### AVENTURAS DO CAROLINO

Com este título iniciaremos no próximo número «Quadros humorísticos», pelo nosso empregado

Eduardo António



Imagem colhida numa das cenas da peça «Rosas de Todo o Ano» da autoria do eminente escritor Júlio Dantas, representada pelo Grupo Recreativo da TEBE no passado dia 27 de Abril conforme este «Boletim» já noticiou, em que intervém a componente Eva Augusta Dias Pimenta.

quando te vem a ideia. Mas... isso é *impossible* meu rapaz.

— Não Mãe, — diz Carlitos — não é porque o Senhor *Antone da Quinta do Fontelo* é caseiro do patrão da fábrica TEBE lá na Vila, que me disse o Quim do Tio João e ele pode-me lá meter.

— Bem: Então iremos falar ao Senhor *Antone do Fontelo* amanhã, — disse a Tia Rosa —.

Naquela noite Carlitos não dormiu...

Manhã cedo, quando os melros cantavam e a passarada chilreando saltava de árvore para árvore, Carlitos levanta-se e vai levar as cabras a comer, adeantando tempo para ir a Fontelo.

Voltado a casa, sua Mãe o esperava e vão falar ao Senhor António.

Homem robusto, cara alegre e bigode bem trabalhado pelo barbeiro lá da aldeia, o senhor António recebe a Tia Rosa e Carlitos.

Carlitos sem demorar, explica o motivo que os levou a ir incomodar o Senhor António, ao que este, sem poder negar-se, lhe diz:

— Bom. Logo vou à Vila falar com o patrão por umas coisas da Quinta e então lhe pedirei.

— Muito obrigadinho, — disseram ambos em uníssono —. Passados dias, Carlitos é avi-

## Morte na Aldeia?

(Continuação da página 7)

ter sido para ter a certeza que Angélique estava realmente morta, que não podia voltar e lançar-lhe no rosto a sua cobardia?». O rapaz soltou um grito de horror.

— Mas Angélique estava bem morta — prosseguiu G 7 —. Definitivamente morta...

Baixou a voz.

— Muito bem. Diga-nos onde a deixou.

Lá fora, cinco minutos depois, G 7 respirou fundo e deu um suspiro...

— Não sei porquê... mas preferia ter tido nas mãos um bom crime...

Como eu, ele sem dúvida sentia uma certa opressão no peito ao ver dois polícias acompanhar aos bosques o jovem apaixonado de vinte anos.

### Conjunto orfeónico da TEBE

Com o fim de dar maior relevo ao conjunto orfeónico, convidam-se todos os operários e operárias que desejem inscrever-se como orfeonistas, o favor de fazerem as suas inscrições no armazém de matérias primas, ao *Snr. João Cândido*.

Eduardo António

sado para ir à fábrica e, correndo e saltando de alegria, lá se apresenta, onde recebe ordem para entrar definitivamente ao serviço.

Será sonho! Imaginação! Não... Não é sonho...

Alegre, Carlitos lá entra naquela grande casa onde o esperavam já umas gigantescas máquinas com muitos fios dependurados e cair aquele grande pano das camisolas de risquinhas que o transtornara muitas vezes e que logo lhe chamou a atenção.

Então, ensinadas as primeiras coisas pelo Senhor Freitas, Carlitos ouvia e fazia atentamente o que lhe diziam. E com a sua força de vontade, viu assim o seu sonho tornar-se realidade.

Mas, Carlitos que não quiz ficar na camisola de riscas e hoje, sem esses calções esfarrapados e a blusa remendada, ele tem o seu fato modesto e limpo, graças ao acolhimento numa grande casa onde quase um milhar de operários, trabalhando em roupas para cobrir pobres e ricos, se dignifica, tornando-se trabalhadores honestos no meio da sociedade.

Esta grande casa de formação de trabalhadores, é a EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS, Ld.<sup>a</sup>, uma escola onde aprendendo a trabalhar, cada um ganha o pão nosso de cada dia.

(Concurso)

AFRICANO



## A mulher Ideal

EM todos os tempos, desde os períodos mais remotos da história das civilizações, houve sempre homens e mulheres bons, homens e mulheres cheios de defeitos e homens e mulheres que satisfaziam a um mínimo de requisitos para serem considerados pelos menos como membros úteis duma sociedade. Porém, desde esses mesmos tempos que, ante a realidade dum maior número de pessoas com formação moral incompleta ou defeituosa, se suspirava por a criatura que, em si, reunisse todas as qualidades exigidas para ser realmente aquele homem ou aquela mulher ideal.

Sabe-se que, um dia, Diógenas, em pleno dia, de lanterna acesa, procurava pelas ruas da velha Grécia um Homem. Ouçamos agora os conselhos que outro célebre filósofo grego dava, numa carta, à sua noiva, para que ela fosse uma futura mulher ideal. Estes conselhos ainda hoje têm actualidade, pelo menos nas suas linhas gerais, pois os pormenores tiveram por força de sofrer alterações com o evoluir da civilização: Dizia, pois, Xenefonte, que, para ser uma boa dona de casa, era necessário:

«Dirigir os trabalhos das criadas  
Receber as provisões e distribuí-las  
No supérfluo usar de toda a previdência e vigilância, para que se não gastem num mês as provisões dum ano inteiro.

Passar revista ao mobiliário e velar porque tudo esteja bem arranjado. Ocupar-se dos filhos; custa menos a uma boa mãe cuidar bem dos seus filhos do que abandoná-los. Do mesmo modo, uma mulher sensata encontra mais prazer em zelar pelos seus bens, aos quais se sente presa, pelo sentimento da propriedade, do que desperdiçá-la.

Estes conselhos de há 2 mil anos, talvez que, meditados e compreendidos pelas nossas raparigas de hoje, pudessem ainda contribuir para a felicidade de muitas casas, onde a mulher desconhecida dos seus deveres, ignorante da sua missão, é muitas vezes dentro do lar um elemento de desorganização que causa a infelicidade de todos.

São também dignas de escutar atentamente os doze conselhos que uma mãe japonesa faz a sua filha quando se casa:

1.º — Logo que cases deixas legalmente de ser minha filha: por isso deves obedecer à tua sogra

2.º — Logo que cases o teu marido será o teu senhor. Deves ser humilde e delicada

3.º — Deves ser sempre amável para com teus sogros e cunhados

4.º — Não deves ser ciumenta

5.º — Mesmo que a razão não esteja do lado do teu marido, não te encolerizes, tem paciência e, quando ele estiver calmo, fala então

6.º — Não fales muito, não digas mal do próximo e nunca mintas

7.º — Levanta-te cedo deita-te tarde, não dormites depois do jantar e bebe pouco vinho

8.º — Não peças aos adivinhos que te profetizem o futuro

9.º — Trata de ser boa dona de casa e mulher económica

10.º — Mesmo que sejas nova deixa-te de rapaziadas

11.º — Não uses vestidos berrantes e anda sempre limpa

12.º — Não tenhas orgulho da fortuna e da posição que ocupa teu pai e não tenhas vanglórias perante o pai, a mãe, os irmãos e as irmãs de teu marido.

Quantas destas recomendações são tão necessárias às nossas raparigas, embora a sua maneira de ser, os seus hábitos a sua religião e até a sua lei moral sejam bem diversas dos costumes da religião, da psicologia pessoal e social das jovens japonesas.

Haveria muita mais felicidade sobre a Terra se as raparigas trabalhassem para ter um mínimo daquelas qualidades exigidas para serem umas boas futuras donas de casa. As pessoas não nascem com qualidades ou defeitos, nascem sim com tendências que a educação pode aperfeiçoar. Quando essa educação é defeituosa é, a vontade própria que tem de agir na formação dessas virtudes necessárias para se obter aquele mínimo de felicidade a que todos aspiram e a que têm direito quando contribuem com o seu próprio esforço para a conseguir.

A mulher ideal, não existe certamente, mas todas se podem aproximar desse padrão idealizado se tiverem bem nítida a consciência da sua responsabilidade no bem estar da família que organizarem. Se nas famílias houver amizade sincera, lealdade e compreensão a felicidade não pode estar longe desses lares, porque todos se unem e encorajam para sofrer as contrariedades e todos se unem igualmente nas alegrias sentindo-as mais intensamente.

Compilado por Maria

As malhas TEBE são as melhores!... Caminham na vanguarda.

# PAGINA FEMININA

## BEIJAR CRIANÇAS

É muito pouco espanhol, e muito pouco meridional, o costume adoptado em Barcelona e Madrid, de colocar no peito das crianças que se mandam arejar por jardins ou parques, um letreiro onde se lê: *Hágame el favor de no besarme*—faça o favor de não me dar beijos.

A gente chega mesmo a duvidar de que o mundo, realmente, marche; mas, de repente, um sinal insignificante avisa-nos de que ele vai já a mil léguas de onde estava ainda pouco antes. Há vinte anos, quando alguém lhes elogiava as virtudes ou feitos da prole, diziam os pais encantados: *Quem meu filho beija, minha boca adoça*. E ainda hoje entre o povo, reservatório das mais teimosas sobrevivências, uma ou outra mãe dirá: *muito obrigada, se nos lembrarmos de pôr a boca sobre as bochechas camoesas de um garotito são que lhe pertença*.

Mas a verdade é que esse apetite já se tornou raro; e quando alguma vez se manifesta, logo a reflexão nos leva a coibir-nos. Como aquele poeta triste, julgamo-nos *sujeitos para beijar uma face de criança*; e há hoje milhares e milhares de pais que nunca se atreveram o tocar com os lábios a boca dos próprios filhos.

Do Norte da Europa veio recentemente o hábito civilizado de beijar os bebés, e as pequenas em segunda infância, sobre as costas da mão, como o cavalheiro beija as damas na Corte. Entre nós não se tem radicado este costume, aliás galante; ao passo que dia a dia cresce o número de crianças que de maneira nenhuma se deixam beijar por estranhos, obedecendo assim à instigação sistemática dos pais dentro de casa.

Vai, pois, bem longe o tempo em que a gente adoçava a boca aos pais com beijinhos nos filhos. Aquele velho provérbio tem de ser arrumado para todo o sempre nos museus etnográficos, ao lado do candieiro de três bicos e de outros instrumentos que o progresso reduziu a simples documentos. Não é ante-diluviano, mas é pre-pasteuriano, pois que foi Pasteur, descobrindo a causa dos fermentos, quem nos fez ver em cada boca estranha, assestada às carnes róseas da nossa prole, uma carga de bactérias ou micróbios, portadores da doença e da morte.

Este número de 8 páginas foi visado pela Comissão de Censura



Dirigida por José Pires Bigote

## Ciclismo

A Associação de Ciclismo do Norte abriu a época com provas para ciclistas "Independentes, Amadores-Séniiores e Amadores-Júniiores".

O Clube Desportivo da TEBE tem dado a sua colaboração, e a sua representação no meio de estradistas de valor nacional, não tem sido desmeritória, apesar de o azar já de princípio nos querer acompanhar de perto.

Gomes da Cunha, Joaquim Sá e Leal Pinto são possuidores de qualidades, mas ainda podem fazer mais do que aquilo que têm feito. As primeiras provas são sempre de observação, pois é necessário acompanhar os adversários para lhes conhecer a forma actual.

\*

Na 2.<sup>a</sup> prova de preparação Porto-Aveiro-Porto, de 180 km organizada pela Associação e a que pela primeira vez concorreu a TEBE, dos nossos estradistas Gomes da Cunha classificou-se em 10.<sup>o</sup> lugar a 38 seg. do Campeão Nacional, e, Leal Pinto desistiu a 60 km devido a uma distensão muscular.

\*

Na 3.<sup>a</sup> e última prova de preparação, de 140 km, Gomes da Cunha fez uma prova regular, classificando-se em 6.<sup>o</sup> lugar e Leal Pinto em 11.<sup>o</sup>.

Nesta jornada a infelicidade dos Tebistas foi manifesta, pois Gomes da Cunha derrapou em Valongo e chocou com um corredor do F. C. do Porto, tendo feito em seguida uma perseguição forçada ao pelotão para o alcançar a 10 km, mas devido a avaria nas mudanças teve que ceder, atrasando-se em prejuízo dum lugar mais honroso.

Leal Pinto por lhe saltar a corrente teve que parar várias vezes, provocando atraso.

\*

Surgiu a primeira prova a contar para o Campeonato Regional de Fundo, em que ficou vencedor Simões Louro (Sangalhos). A nossa representação já foi melhor. Notou-se a inclusão de Joaquim Sá na equipa, o que não vinha acontecendo por este o que não vinha acontecendo por este acusar falta de preparação.

Com o mesmo tempo do vencedor chegaram à meta mais 14 corredores. Gomes da Cunha e Joaquim Sá faziam parte deste pelotão. Ainda desta vez Leal Pinto foi o último, devido a azar, pois em Felgueiras foi de encontro a uma mulher, ferindo-se, atrasando tempo, e avariando-se-lhe ainda a bicicleta. Mas Leal Pinto fez todo o possível para não desistir e assim recompensou o seu esforço.

(Continua na página 6)

## Colaboração

*As grandes ou pequenas realizações, seja em que campo se apresentam, resultam sempre de uma estreita colaboração entre aqueles que se lhes dedicarem.*

*O sábio que fez uma descoberta maravilhosa no campo científico, não desprezou a colaboração dos seus assistentes e quantas vezes aceitou as suas opiniões. O arquitecto ou engenheiro tem de colaborar por vezes com o mais humilde operário, e o político, tem nos seus colaboradores o esteio das suas ideias. Portanto é fora de dúvidas que a colaboração é absolutamente necessária.*

*Acceptar as opiniões dos outros, cotejá-las com as nossas, compará-las, e escolher a melhor para o fim em vista, é esta a melhor forma sem dúvida de colaborar.*

*Não pretender impor, amparado em tola vaidade, a sua opinião como a única com consistência e saber, é sem dúvida um predicado necessário a quem com boa fé queira ajudar os outros a percorrer o caminho já traçado.*

*É da boa harmonia, da compreensão mútua dos pontos de vista e do trabalho desinteressado, que nascem as grandes obras e se mantêm imprecíveis, através de todas as vicissitudes.*

Pires Bigote

## CAMPEONATO DO MUNDO

Realizou-se em Itália esta competição desportiva, que, como sempre, desperta grande interesse nos meios oquistas. A maneira como terminou já é de todos sobejamente conhecida, não cabendo portanto aqui, qualquer referência a resultados de jogos.

Portugal perdeu outra vez o título de campeão em benefício dos nossos vizinhos espanhóis, porém, uma qualidade não perdeu, a de continuar a ser a mais brilhante estrela da constelação oquista internacional. Continuamos a impor a nossa técnica incomparável e a apresentar atletas de categoria insuperável.

Perdemos este ano talvez por falta de audácia no jogo com a Itália. Tanto italianos como portugueses jogaram a medo sobretudo na primeira parte, e quando na segunda, os nossos reagiram, foi tarde. O campeonato estava perdido.

Para o ano teremos o campeonato no Porto e, concerteza, também o prazer de voltarmos a ver Portugal com o título de campeão mundial a que tem direito sem contestação.

Para ajudar os nossos rapazes estarão presentes todos os portugueses com os seus aplausos vibrantes.

Big

## Notícias do Oquei

Está a decorrer a Taça de Honra do Minho, tendo ficado apurados para a fase final o Vitória S. C., Sporting C. de Braga e Sport Clube Vianense.

\*

Pela Associação de Patinagem do Minho foram castigados alguns atletas do Fama-license A. Clube.

\*

A Selecção do Minho efectuou dois encontros com a sua congénere do Centro, em Famacão e Coimbra, sendo vencida por 5-4 e 6-3, respectivamente.

Desta selecção fazia parte o nosso atleta Carvalho.

\*

Vai ser realizado o Sorteio dos Campeonatos Regionais de Séniores e Torneio de Júniores, numa reunião a efectuar em Braga, com a presença de todos os Delegados dos clubes interessados nas provas.

\*

Realizou-se no passado dia 21 uma Assembleia Geral Extraordinária do Clube Desportivo da TEBE na qual foram discutidos vários assuntos de interesse para o clube.

Esta Assembleia foi suspensa sendo a sua continuação no próximo dia 3.

## FUTEBOL

### Taça de Portugal

A participação do Gil Vicente na disputa da «Taça de Portugal» veio satisfazer plenamente os desejos de todos os gilstas.

O clube barcelense que pela primeira vez se fazia representar, teve um honroso comportamento. Embora eliminado nos oitavos de final, a equipa deixou-nos uma boa impressão.

Desfavorecido, em parte, no sorteio, o Gil Vicente recebeu em Barcelos a visita do forte agrupamento da Covilhã, vencendo-o pelo expressivo resultado de 4 bolas a 1.

Ambos os clubes se empregaram a fundo na luta, mas os gilstas aproveitaram melhor as ocasiões de golo, demonstrando até superioridade sobre o adversário.

(Continua na página 6)

# Página Desportiva

(Continuações da página 5)

## CICLISMO FUTEBOL

Nesta tirada o nosso estradista Gomes da Cunha foi um grande animador da corrida. Tentou várias vezes fugir mas os adversários não o abandonaram.

A segunda tirada para o Campeonato Regional foi de contra-relógio. Nesta prova já se podia ajuizar do valor dos corredores e tirar uma apreciação quanto a provas futuras.

Ribeiro da Silva, do Académico, foi o vencedor.

A prova dos nossos estradistas não foi satisfatória. Gomes da Cunha classificou-se em 14.º, seguido de Joaquim Sá em 17.º e Leal Pinto em 19.º.

Era de esperar mais de Gomes da Cunha que a par das suas boas exhibições, estava apontado entre os principais estradistas do Norte. Tanto não aconteceu e a sua reabilitação, estamos certos que se fará notar futuramente, se a sorte o não desamparar, bem como os outros elementos que o seguirão.

Aguardemos as restantes provas e teremos a TEBE a marcar a sua presença através do País.

A. Faria

Tudo pelo Desporto

A deslocação a Braga não poderia ter sido mais traiçoeira para o clube barcelense pois que a equipa não se encontrava preparada para jogar em terreno relvado, o que contribuiu grandemente para a derrota.

O jogo com o Sporting C. de Braga é sempre difícil atendendo à boa forma da equipa, que teve brilhante comportamento no Campeonato Nacional.

Apesar de todas estas contrariedades, os gilistas perdendo por 3-1, criaram um sério embaraço aos bracarenses, que sentiram dificuldades para vencer, depois de estarem empatados, no intervalo, a 1 bola.

.....

Taça «Emídio Teixeira de Carvalho»

Interrompidos os jogos para disputa desta Taça,— motivo da realização da «Taça de Portugal»—, terão continuidade logo que possível aos clubes que ainda têm jogos a realizar.

O Gil Vicente que também deu o seu concurso, ocupa presentemente o primeiro lugar da classificação.

Ao grupo barcelense não lhe faltam qualidades para poder manter-se no lugar, porém aguardemos o final.

Pê Efe

## E se falássemos de: CINEMA

Por Francisco Correia

DEVES ter notado, amigo leitor, que quase toda a gente fala de cinema. Uns discutem, com aproximações de milímetro, as variadas medidas das muitas vedetas que o cinema aproveitou e popularizou; outros cantam árias e curvam-se às curvas das Marilyn Monroe ou das esculturais Pampinini; estes narram a história das suas «vamps», desde o nascimento até ao quinto ou sexto divórcio; aqueles descrevem, com exactidão insuperável, os «directos» que o artista pregou no traidor, quando lhe apanhou os queixos à mão de semear. Nós, que gostamos de apreciar uma fitazita de vez em quando, temos também o direito de meter o bedelho no cinema.

Mas porque será, afinal, que quase toda a gente fala de cinema? É que o cinema entra todos os dias em contacto com multidões de espectadores. Calcula-se que 250 a 300 milhões de pessoas frequentam, sema-

nalmente, as salas de cinema de todo o mundo.

E porque vai lá tão grande número de pessoas? Vai lá porque o cinema as diverte e as instrui. Diverte-as, porque lhes permite esquecer o lado preocupável da vida; instrui-as, porque lhes comunica um mundo de coisas novas. De facto, amigo leitor, o cinema é, presentemente, a mais incisiva e penetrante fonte de dispersão da cultura e a que melhor esboça as fronteiras e nos aproxima do mundo, quer esse mundo se traduza em maravilhas criadas pela Natureza ou pelo Homem, quer se identifique pela esperança num mundo de amor, liberto de lágrimas, de injustiças e de fome.

É certo que a verdadeira função do cinema tem sido desfigurada por aqueles que o vêem apenas como uma fonte de negócio, como um comércio lucrativo. Esses procuram e conseguem explorar o nosso gosto

pelo cinema, à custa dumas historietas, bem ou mal contadas, que mexem na sensibilidade, fazendo-nos rir ou chorar, mas que, pela inveracidade e pela esterilidade cultural ou moral, nada nos ensinam e em nada concorrem para a solução dos múltiplos problemas com que a vida se nos apresenta. Ora o cinema moderno que, tal como a pintura e a arquitectura, é uma arte com as suas escolas e as suas tendências, tem uma função, essencialmente, instrutiva e divulgadora, embora recreativa. E porque assim é, porque só o cinema puro nos pode interessar, pela honestidade das intenções, torna-se necessária a criação duma mentalidade cinematográfica diferente, que saiba apreciar e acarinhar as realizações filmicas intencionalmente morais, humanizantes ou culturais e repudiar as outras, ocas de conteúdo e de beleza artística.

Entre os apaixonados do cinema está a expressar-se essa mentalidade, à custa dos Clubes

de Cinema. Estas associações pretendem auxiliar-nos a conhecer a verdadeira linguagem cinematográfica, a verdadeira arte do cinema, de modo a que ele venha a ser aquilo que nós quisermos e não o que, quase forçadamente, nos impingem. Quantas vezes, amigo leitor, desabafamos, ao sair das salas do cinema: «Que borracheira!...» No entanto, não resistimos a ir ver outras borracheiras, que são um grande número dos filmes que nos apresentam. Ora, quando tais filmes não encontrarem apreciadores, deixarão de ser realizados. É, por isso, que temos de criar, pouco a pouco, uma mentalidade cinematográfica assente no verdadeiro conhecimento da arte filmica, para que, pouco a pouco também, nos deixem de impingir gato por lebre...

Se Barcelos formar, a exemplo de outras terras, o clube de cinema, prestar-nos-á grande benefício, que retribuirmos com a nossa interessada cooperação.

## Malhoa... um grande artista

MALHOA, foi, sem dúvida, um dos mais notáveis pintores portugueses dos princípios do século XX. Nascido na Primavera de 1855, nas Caldas da Rainha, foi um miúdo agarrado e traquina que talvez entretivesse as horas de brincadeira rabiscando as paredes da rua em que morava. Por conselho do artista Leandro Braga, o irmão Joaquim Malhoa, mais velho e amigo, matriculou-o na Academia Real de Belas-Artes, quando contava apenas 12 anos. Não foi um aluno brilhante e muito menos bem comportado, nos primeiros anos de estudo. Porém terminou o curso de pintura com elevada classificação depois de alcançar, o primeiro prémio, vários anos seguidos.

Animado, sonha completar a sua educação artística no estrangeiro, habilitando-se para ir, como bolseiro do Estado. Porém, nos dois concursos em que entrou, foi posto de parte. Desgostoso com o fracasso, desanima e emprega-se como caixeiro no loja de modas do seu irmão protector, onde se conserva três anos. Não deixa porém de pintar nos intervalos das suas ocupações, chegando a expor em Madrid a «Seara Invadida».

Acabando por reconhecer que nascera afinal para pintor somente, abandona o comércio. É à arte que passa a consagrar a sua vida, embora, nessa altura, os encargos e responsabilidades sejam maiores, porque já é casado. Não lhe faltam encomendas e ele vive embalado no seu sonho de artista, pintando com sinceridade, embora longe de seguir, escrupulosamente, qualquer escola ou mestre.

Malhoa, apar das últimas teorias da pintura de ar-livre, trazidas de França pelo seu amigo António Carvalho da Silva Porto, retrata nas suas telas, cenas vivas do folclore português, onde a luz do nosso sol quase chega a ter calor, tão palpáveis são essas manchas de luz esparsas por entre a folhagem das ramadas, batendo de chapa nas paredes brancas, dispersa pelo chão, em pedaços tão nítidos que nos dão a sensação de aquecerem o ambiente, como um crítico diz.

São notáveis muitas das suas composições sobressaindo entre elas: «Embraçar cebolas» «As padeiras» «À passagem do comboio», «Os oleiros», etc., etc.

De Malhoa, disse Fialho de Almeida, o grande escritor e crítico consciencioso: «laborioso pintor, que partido de modestos recursos, vem serenamente subindo a montanha verde onde a sua figura de artista espargirá clarões duma glória honradamente ganha a preço de labutas incessantes».

O centenário do nascimento de Malhoa, que agora se celebra merece o maior carinho. Malhoa, uma tão grande figura na arte de pintar, foi, sempre, genuinamente português na maneira de sentir e na maneira de exprimir, na pintura, os seus sentimentos.

# PAINEL PUBLICITÁRIO

## Casa do Café

COM

FÁBRICA DE TORREFAÇÃO  
Especialidade em  
CAFÉS, CEVADAS, CHÁS  
e todas as ESPECIARIAS.

O aroma do café da CASA DO CAFÉ  
tem perfume... abençoado café.  
Preferi-lo é ter um paladar requintado...

Em BARCELOS na  
Rua D. António Barroso, 61-63 — Telefone 8390

## A Pérola da Avenida

serve bem para servir sempre. O pa-  
ladar e o bom gosto estão reunidos  
nesta casa de esmerado e requintado  
asseio. Almoços e jantares com pra-  
tos sempre regionais.

## Casa das Móveis

Sempre móveis...  
Sempre carpetes...  
Sempre os últimos gritos da moda

## Sametil

Um medicamento  
ao serviço da pele...

Em líquido e em pó

Vende-se nas melho-  
res farmácias

Seus sapatos duram mais...

Seus pés cansam menos...

Com calçado da

## CASA CUNHA

DE

### FÉLIX LUÍS DA CUNHA

Pois, que levam as cinco letras mágicas:

- C** — confortável no interior
- E** — elegante nas suas linhas
- L** — leve como uma pluma
- S** — suave no andar
- O** — óptimo no preço

## João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

### « A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

## MORTE NA ALDEIA?

(Continuação do número anterior)

Era um magnífico dia de Sol. A casinha branca do agulheiro cintilava.

O povo não se decidia a ir-se embora. A confusão dos pais, que não faziam a mínima ideia sobre o local onde poderia estar o cadáver da filha, tinham algo de intensamente dramático, apesar dos aspectos burlescos da situação.

G 7 ainda não se apresentara oficialmente. Olhava em torno de si e escutava.

— Muito bem — disse ele repentinamente ao velho barqueiro que tinha contado a história da menina ressuscitada. O senhor não estava em Saint-Satur ontem à noite?

— Sim. Eu moro lá.  
— E não foi ao café?  
— Entrei para tomar um trago. Mas por que quer saber?

— Contou a sua história lá?  
— Que história?

G 7 parecia ter ouvido o suficiente. Virou as costas com indiferença e fez-me sinal para que o seguisse.

— Não há pressa — observou —. Parte um comboio para Pouilly às duas. Enquanto esperarmos, podemos almoçar na estalagem e provar o vinho branco local.

— Mas...

— Mas o quê? — perguntou, em tom muito natural, como se tivéssemos vindo apenas para respirar o ar do campo e conhecer os produtos locais.

Percebi, portanto, que ele acabava de encontrar a solução do caso.

Duas horas depois estávamos sentados em frente de Gaston. O jovem, de cabeça caída e olhar

esquivo, defendia-se obstinadamente contra as acusações do chefe da polícia.

Tinha lágrimas nos olhos. O seu rosto estava pintalgado de pontos purpurinos. As unhas estavam roídas até ao vivo.

— Não fui eu! Não é verdade! — soluçava ele, com um misto de humildade e raiva —. Eu não matei ninguém.

— Não... — a voz de G 7 estava calma —. Você nem sequer se matou...

Não pude compreender aquela frase. Mas Gaston Verdurier teve um sobressalto e encarou fixamente o meu amigo, com uma cintilação de loucura nos olhos.

— Como... como é que o senhor sabe?

Havia um sorriso amargo nos lábios de G 7, um sorriso terrivelmente humano.

— Não foi preciso mais do que olhar para si e compreendi. Compreendi que no último momento você não teria tido coragem. O último beijo... O último abra-

ço... a resolução de morrerem para não renunciarem um ao outro! Angélique atira-se ao rio... E então você, caindo em si repentinamente, vendo o corpo descer pela corrente, recuando e ficando ali parado, imóvel, um medo glacial no coração...

— Cala-se!

— A noite, em Saint-Satur, você entra num café. Precisa de beber alguma coisa para acalmar-se. Lá está um homem, contando uma história horrível. Em Tracy pescaram uma rapariga no rio. Julgam-na morta. Mas ele tem as suas ideias. Presenciou anteriormente um caso parecido... Você escuta. Treme dos pés à cabeça. Imagina, talvez, Angélique enterada viva... Corre para a rua. Vai a Tracy. Rouba o corpo e leva-o para os bosques...

«Tenta reanimá-la!

«Pelo menos é o que eu desejo crer. É melhor assim, não? Você roubou o corpo para reabilitar-se. Não foi, não pode

(Continua na página 5)



## «RUMOS» E A CRÍTICA

O «Correio do Minho», de 14 de Abril do corrente ano, pronunciou-se assim:

O poeta pouco se importa com «a crítica vã e intencional» com que se poderá julgar esta sua obra. Nem a indiferença dos homens e do mundo tão pouco lhe afecta e o importuna. António Baptista sabe muito bem que este seu livro de poemas, atirado para a vida e entregue ao seu destino, seguirá os mais diversos e variados rumos, que será desdenhado por uns e cantado e compreendido por outros. Por isso, pressupõe, no mesmo pensamento, quer o desprezo quer a justiça do leitor. Entanto, tranquilo com a sua missão na terra como poeta e como portador duma mensagem social e humana, acha que «ainda é possível ao homem pretender alguma coisa» e, assim, «homem isolado na luta» cotidiana, que trabalha, sente e sofre, apenas deseja, com este seu livro, nestes poemas onde «há a libertação dos códigos estéticos», incorporar-se na legião de todos aqueles que possam «mostrar, com verdade, que o mundo ainda está longe, muito longe, de banir, do seu piso comum, o homem escravo, nosso irmão». Assim, irmanase aos poetas da verdade, da justiça e da esperança, «homens desta hora de incerteza», pondo ao rubro, e extirpando do subsolo da humanidade algemada pela injustiça e pelo abandono fraternal de todos os valores potenciais, toda uma gama de tonalidades estioladas que ele, poeta da verdade, da justiça e da esperança, faz realçar com toda a sua grandiosa e fantástica beleza e cor humanas.

É necessário que consideremos que essa beleza e cor humanas se acham impregnadas na dor e no sofrimento. No desespero de viver. Na dor, no sofrimento e no desespero de viver é que se irradia todo o virtuosismo da humanidade, porque é essa humanidade que António Baptista nos põe à frente dos olhos a grande verdade do homem, cuja existência no mundo só lhe resta ser quem é...

...«Um átomo disperso e descontente.  
Uma ilusão bem viva de abordagens,  
Um barco que flutua e, de repente,  
Se esvai torpeado de miragens...»;

há, neste pâncrema sinceramente humano e íntimo de verdade, beleza e cor.

Esta maneira de poetizar a dor, de a arrancar de todos os seus rumos incertos e de a projectar na tela duma poesia positiva e objectiva, como António Baptista a sentiu e concebeu, pode-nos parecer um tanto ou quanto revolucionária no sentido e direcção do seu apelo social mas a verdade é que a sua linha de horizonte coloca em equilíbrio o humilde enquadramento

## Graciliano Ramos

um neo-realista do Brasil

Por R. M.

QUANDO anos atrás no nosso país muito se escreveu sobre os novos romancistas do Brasil que, a exemplo da geração dos poetas modernistas—Manuel Bandeira, Drummond de Andrade, Oswald de Andrade—vieram criar uma literatura absolutamente (na medida em que esta palavra se pode empregar nas coisas literárias) autónoma de influência europeias que pretendia revelar o Brasil, um escritor houve do qual não se falou ao nível dos seus merecimentos. Foi Graciliano Ramos. E contudo ele é um dos maiores, pelo menos tão

das imagens, corpóreas e físicas, e os preceitos éticos e espirituais dum problema que tanto é do homem como do espírito. Material e espiritual. O lado moral da questão parece-nos, por isso, suficientemente em harmonia e em ordem. Pode, certamente, ser discutido. No fim, todo o livro pode ser discutido já que na realidade não há um ponto de vista absoluto e comum. O autor destas linhas assentou num ponto de vista em que procurou analisar a obra em todo o seu conjunto, dando pouca atenção a qualquer código de análise em pormenor. Pouco lhe importa que outros não sejam da mesma opinião quanto ao valor substancioso de «RUMOS».

Quanto ao trabalho como obra poética, o crítico tomou em devida conta este período do prefácio do autor de «RUMOS»: «Parece-me bem que nestes poemas há a libertação dos códigos estéticos, que ontem como hoje, atrofiaram e atrofiaram o substracto da sincera e verdadeira poesia».

Também o «Século», de 27 de Abril criticou assim:

«Não se trata de um livro vulgar, de um livro de poemas como tantos outros que, diariamente, caem na nossa secretária. A fórmula «Poesia pela Poesia» não serve ao autor. Com razão ou sem ela — a discussão do assunto não cabe nestas linhas — António Baptista procura na poesia, para além da beleza formal, a fonte criadora de experiências tendentes a estabelecer a justiça e a equidade entre os homens. Não nos compete, repetimos, defender a tese ou pôr a antítese. Importa apenas informar o leitor da maneira como António Baptista se realizou poéticamente, isto é, da maneira como deu forma literária à sua concepção de poesia. E é a altura de dizer que os poemas de «Rumos» exprimem, na verdade, um estado de alma angustioso, sedento

grande, apesar da sua reduzida obra, como Lins do Rego ou como Jorge Amado.

Escreveu Graciliano Ramos até agora quatro romances: *Cahetés*, *S. Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*, na ordem cronológica em que foram publicados.

E se em *Cahetés* eu suponho encontrar uma influência nítida de Eça de Queirós em certas situações e na caracterização de certos tipos, da vida provinciana, além de fraquezas na narração (onde se me afigura haver elementos acessórios que a economia do romance não admitia) e na efabulação, *S. Bernardo*, o seu segundo livro, coloca-o num plano de primeira grandeza.

É maravilhoso ver como pouco depois de um romance tão fraco como *Cahetés*, Graciliano Ramos faz sair um livro como *S. Bernardo* que pertence àquela espécie de obras que não são frequentes numa literatura, pelo equilíbrio, pela seriedade e pela profundidade, pelo sópro de vida bravia que o percorre.

(Continua na página)

de justiça social, que, embora com «a preocupação tangencial do Além», não deixa de apresentar estridências de revolta contra a maldade dos homens e contra a sua escravidão. Assim, nos poemas deste livro, de forte e bem vincada intenção social, passam as crianças perdidas na realidade da fome e do abandono: as vidas inocentes que a paisagem das bombas da guerra não conseguiu espiritualizar; os mineiros, que da terra arrancam montanhas de poesia; os que para viverem na terra morrem no mar; os condenados à morte na cadeira eléctrica; os que, arrancados, à gleba viram a charrua transformada em espingarda; e mais, muitos mais, toda a gama do sofrimento, da injustiça, da derrota sem esperanças, dos fantasmas que a vida se compraz em colocar nas suas encruzilhadas. Há, é indiscutível, neste poeta um sentido superior a guiar os seus versos, uma bondade apostólica, nos seus ritmos doridos, a fascinação de um ideal com a luminosidade de uma estrela como Norte. Bastava esta atitude generosa, este calor humano irradiante para tornar «Rumos» um livro estimável, se outras qualidades não tivesse. Mas tem-nas. António Baptista é senhor de um estilo muito apurado em que a intenção social ou doutrinária, longe de prejudicar o poder da expressão lírica, a torna mais densa e mais rica de valores humanos.

No prefácio do seu livro, o autor afirma: «Rumos» suportará a indiferença de alguns homens; mas será lido e compreendido por todos os que sofrem, por todos os que lutam e ainda por aqueles que, tomados por lapidações e contingências da crítica dos homens, aguardam ansiosos que os seus irmãos ergam, no escuro das almas, um canto novo e oportuno, semelhante a belezas intocadas...»

Não deve ter razão António Baptista. Um livro como «Rumos» pode e deve merecer crítica, desacordo, dialéctica de opiniões. Mas nunca indiferença.

A edição tem bom aspecto gráfico.